



Jornalismo literário e ciência: a presença do rompimento de níveis e da relativização de perfis¹

Mateus Yuri Passos²

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

RESUMO

Enquanto conceitos básicos científicos ainda são confundidos, técnicas incipientes são aclamadas como panacéias milagrosas e a figura do cientista é alçada a um status superior ao do homem comum. Jornalistas e pesquisadores, por meio da divulgação científica, procuram de diversas maneiras divulgar a ciência e ajudar a construir uma visão crítica de seu desenvolvimento. Com base na teoria estruturalista, este artigo tem como objetivo propor o uso do jornalismo literário na divulgação da ciência, permitindo ao repórter narrar a realidade por meio de técnicas diferenciadas de redação e apuração, com o uso de duas invariantes de Proust (rompimento de níveis e relativização de perfis). Tais técnicas também podem ser empregadas em textos de jornalismo literário que envolvam outros temas (política, cultura, esportes, perfis).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo literário; Jornalismo científico; Estruturalismo; Invariantes de Proust.

INTRODUÇÃO

Para Paul Caro (apud SABBATINI, 2006), divulgar a ciência é um ato não somente pedagógico, mas literário: para esse fim deveriam ser utilizados temas de valor romântico, o emprego de mitos e a construção de heróis. Esse tipo de visão, de acordo com a interpretação de alguns conceitos, pode levar a uma espetacularização da notícia, efeito indesejado para um jornalismo que se comprometa com a formação de cultura científica – que envolve não apenas a tornar conhecidos e compreensíveis os conceitos das variadas áreas da ciência, mas também, e principalmente, despertar uma consciência crítica a respeito das pesquisas realizadas no país e no mundo.

Contudo, esse pensamento pode ser aproveitado na perspectiva da possibilidade da integração da linguagem literária como técnica à divulgação de conteúdo científico. O jornalismo literário, constantemente desenvolvido, aprimorado e teorizado ao longo do século XX, apresenta soluções para alguns dos problemas hoje enfrentados pelo jornalismo científico. O uso da narratividade, preservando a veracidade e exatidão das

¹ Trabalho apresentado no Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de São Carlos com bolsa da CAPES. Estudante de graduação em Estudos Literários (UNICAMP). Jornalista (PUC-Campinas) especialista em Jornalismo Literário (ABJL/CESBLU) e Jornalismo Científico (UNICAMP). Membro do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã (LECOTEC) da Unesp. E-mail: m-passos@hotmail.com



informações coletadas, pode tornar mais compreensíveis conceitos e processos obscuros por meio de figuras de linguagem e, ao tratar o cientista como um personagem, tem o poder de criar um efeito essencial: a identificação dele com o leitor, o estabelecimento de uma empatia que pode reverter o recente quadro de afastamento entre os jovens e a formação científica (cf. VOGT, 2006).

Alguns jornalistas e escritores brasileiros (Ulisses Capozzoli, Eustáquio Gomes, Jorge Luiz Calife) e estrangeiros (Richard Preston, Tom Wolfe, Carl Sagan, John McPhee, D. T. Max, Charles C. Mann, Michael Specter) tratam de temas científicos em reportagens literárias, narrativas de não-ficção publicadas em livros ou revistas com o estilo da literatura e técnicas diferenciadas de apuração dos fatos e intervenções pessoais com variáveis graus de subjetividade, sem que isso prejudique a fidelidade aos acontecimentos e detalhes técnicos. Porém, na maior parte dos casos isso ocorre de forma intuitiva, sem haver uma consciência teórica sobre a prática adotada.

Neste artigo serão abordadas, do ponto de vista da teoria estruturalista, duas estratégias de humanização em jornalismo científico com o emprego do jornalismo literário, a partir de duas invariantes identificadas por Silva (2003) na obra de Marcel Proust.

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA

A utilização de cientistas como personagens não é de todo estranha ao jornalismo científico. A afirmação de Caro é uma evidência disso. Contudo, a forma como o desenvolvimento do personagem é tratado define a eficácia e a qualidade desse procedimento, bem como a estrutura em si do texto que o envolve. Existe o risco de dar origem a heróis fabricados, artificiais, sem conferir-lhes o valor informacional e crítico, jornalístico – exaltados como grandes realizados, quase deuses, são afastados do público leigo e, portanto, da cultura de sua nação.

Toda época inventa heróis. O guerreiro, o amante e o santo mártir fascinaram as mentes medievais. Os românticos cultuaram o poeta e o explorador; revoluções industriais e políticas instalaram o cientista e o reformador social num pedestal. O advento dos meios de comunicação de massa permitiu a fabricação de ídolos sob medida para diferentes grupos de consumidores [...]. Esses heróis populares são literalmente míticos, carecendo de substância ou sendo inteiramente fictícios. Os deuses culturais não são diferentes. [...] A fama desses homens reside menos em algo que tenham inventado do que no mito que representam. (LEBRECHT, 2002, p.9)

O mesmo ocorre com cientistas. Citações a Einstein e Freud tornaram-se banais. O nome do físico é utilizado como sinônimo para gênio, assim como o do psicanalista é



posto ao lado de explicações sobre a natureza humana. Todavia, pouco da produção científica de ambos é realmente compreendida pela população em geral.

Há exemplos de jornalistas que traçaram o caminho oposto, conferindo uma nova dimensão humana a celebridades como Frank Sinatra e Joe Louis, como ocorre nos perfis que Gay Talese (2005) traça em *Fama & Anonimato*. Em duas reportagens, *The mountains of Pi* e *Capturing the Unicorn*, Richard Preston narra acontecimentos que envolvem os irmãos Chudnovsky, matemáticos russos, abordando talento, desemprego e problemas de saúde sem endeusar os personagens ou dar à narrativa um tom dramático artificial. Em ambos os casos, trata-se de jornalismo literário.

As viagens espaciais são um dos temas científicos de maior apelo romântico, que evocam metáforas ou imagens poéticas nas reportagens em que são abordados. Na história recente do jornalismo brasileiro, a divulgação da Missão Centenário na imprensa trouxe uma cobertura superficial e o tratamento mítico do astronauta Marcos Pontes, que fez uma viagem (negociada pela Agência Espacial Brasileira) à Estação Espacial Internacional.

Grande parte da cobertura se centrou no personagem do astronauta Marcos Pontes, como “pioneiro”, “herói”, “homem de família”, “filho da terra”, “brasileiro típico”. A esta figura central, circundam elementos de misticismo/espiritualidade e de outros símbolos e mitos familiares da própria história da exploração espacial (ainda que próprios e inerentes dela), como os heróis esportivos e os pioneiros aeroespaciais, convertendo-o em personagem simbólico. (SABBATINI, 2006, p.13)

O jornal trouxe elementos ligados ao patriotismo estereótipos do brasileiro e do “homem comum”, além de se fazer uma exaltação mal fundamentada sobre a missão, ignorando-se fatos que a denigrem, como o descumprimento do acordo firmado pelo Brasil com outros países da entrega de equipamentos fabricados nacionalmente (SABBATINI, 2006). O malogro da tentativa pode estar ligado à própria natureza do modelo do *lead* e da pirâmide invertida, ao qual, por sua natureza objetivista, o processo de subjetivação é estranho. O jornalismo literário, que opera sob outros pressupostos, pode oferecer recursos para superar esse gargalo.

É possível defini-lo como um conjunto de gêneros paralelos ao que se pode chamar de jornalismo convencional ou jornalismo informativo clássico, baseado nas técnicas do *lead* (ou *lide*) e da pirâmide invertida, cujo modelo atual baseia-se no relatório de Ruth Clark (cf. SAVIANI REY, 2000-2001). Porém, o jornalismo literário não é uma corrente de negação – na verdade, desenvolveu-se em paralelo ao segundo, tendo suas



origens no realismo social (Wolfe, 2005), constituído principalmente por romances, que buscavam retratar a vida dos mais diferentes estratos sociais da época – incluindo, para tanto, a realização de pesquisas de campo, assemelhadas ao método etnográfico.

Como aponta Edvaldo Pereira Lima (2004, p.181), o principal traço inovador do realismo social nos séculos XVIII e XIX foi um trabalho de captação do real (incluindo a visita ou residência dos autores entre pessoas do estrato social que se propuseram a retratar), que permitiu o registro fiel dos traços do cotidiano e a utilização de pontos de vista além daquele da própria classe média, a que pertencia a maior parte dos escritores. Tom Wolfe (cf. 2005, p.53-55) identificou quatro características diferenciais principais do realismo social, todas adaptáveis ao jornalismo: a construção cena a cena de acontecimentos, o registro de diálogos completos (em vez de se utilizar falas ilustrativas), a descrição de pessoas e ambientes de modo a simbolizar seu status de vida e o uso de pontos de vista, já mencionado.

Quanto ao jornalismo literário em si, há diversos elementos que Norman Sims e Mark Kramer (1995) apresentaram como características essenciais: imersão do repórter na realidade ou assunto abordado, uso de voz autoral, estilo próprio, precisão de dados, uso de símbolos e metáforas, digressão e humanização. Felipe Pena (2006) apresentou sua versão dos sete traços essenciais do jornalismo literário no que chamou de estrela de sete pontas: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper com as correntes do *lead*, evitar os definidores primários, buscar a perenidade do texto. As sete características apontadas por Felipe Pena são deontológicas, dizendo respeito à atitude do jornalista. Já Sims e Kramer tratam do texto e de sua preparação de forma mais direta, reunindo seis técnicas e um efeito desejável (humanização). Ambas as listas são, desse modo, não excludentes, mas complementares de um ponto de vista hermenêutico.

Para compreender a estrutura do jornalismo literário, utilizamos a teoria de Roland Barthes (PASSOS & ORLANDINI, 2007). Identificou-se que um texto informativo clássico, estruturado com base na fórmula do lide e da pirâmide invertida, é uma narrativa constituída apenas (ou predominantemente) por núcleos (ações importantes, mas estruturalmente básicas), e informantes (dados de dimensão apenas conotativa). Na concepção de Barthes, informantes apresentam uma funcionalidade fraca no processo de fruição, mas os índices, outro tipo de notação, “implicam uma atividade de deciframento: trata-se para o leitor de aprender a conhecer um caráter, uma atmosfera;



os informantes trazem um conhecimento todo feito” (1972, p.34). Assim, o jornalismo literário

não transmite apenas informantes e ações cardinais de forma quase relatorial, mas utiliza (e, na verdade, concentra-se na aplicação de) catálises e detalhes indiciais na descrição de ambientes e construção de personagens que permitam ao leitor a fruição e apreensão de conteúdo em um nível mais elevado (PASSOS & ORLANDINI, 2007).

Assim, a literariedade do texto não estaria ligada ao uso de metáforas ou digressões, mas na realização de um registro expandido da realidade – que compreende, por exemplo, diálogos. Para Franco Moretti (2001), tais instrumentos de *preenchimento* (*riempitivi*, como os denomina em oposição às *bifurcações* – núcleos) foram a grande contribuição à literatura do realismo novecentista, o elemento que levou a vida cotidiana à obra literária – o que vai de encontro à afirmação de Tom Wolfe de que os quatro recursos do realismo social são essenciais ao jornalismo literário.

Trata-se do registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, em geral, do *status de vida* da pessoa, usando essa expressão no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e poses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é seu padrão ou o que gostaria que fosse. O registro desses detalhes não mero detalhe em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura. (Wolfe, 2005, p.55)

JORNALISMO LITERÁRIO E A HUMANIZAÇÃO DO CIENTISTA

Consolidado há décadas, nos Estados Unidos o jornalismo literário é corriqueiro em jornais, revistas e livros. Na maior parte das vezes, não é identificado de forma diferencial por editores e é mais comum nos *features*, textos de fôlego. Os repórteres especializam-se em determinados assuntos (ciência, esporte, perfis) e neles desenvolvem excelência (cf. Sims, 1995) – caso de Richard Preston, cujas reportagens e livros se voltam à cobertura científica, utilizando cientistas como personagem e suas histórias de vida, bem como o processo em que se gesta o conhecimento científico, como parte integrante do material informativo. Essa prática não compromete a veracidade ou a qualidade da informação – pelo contrário, a humanização do processo de investigação da ciência, tanto em relação aos pesquisadores quando sujeitos pesquisados, é de utilidade pública (Gawande, 2006). Reportagens literárias de ciência



são comuns em publicações como *The New York Times*, *The New Yorker*, *Wired*, *Discover*, *Scientific American*, *Harper's* e *American Scientist*. Notamos nesses textos traços que se assemelham à estratégia narrativa proustiana.

A principal obra de Marcel Proust é a heptalogia *Em busca do tempo perdido* (*À la recherche du temps perdu*). Os romances que a constituem mostram a vida de um Narrador chamado apenas de Marcel, cujos traços biográficos se confundem, em alguns aspectos, com os de seu criador. Ao provar, na idade adulta, um pedaço de *madeleine* com chá, o Narrador descobre o processo de memória involuntária e o utiliza para recuperar (ou redescobrir) o “tempo perdido”, a vida que passou. Ao longo do texto, são analisados diversos personagens e, dessa forma, o caráter e relações humanas.

Guilherme Ignácio da Silva (2003) identificou seis características fundamentais da obra de Proust (às quais chamou de invariantes). Algumas são características do sistema fechado do próprio ciclo romanesco, uma vez que dizem respeito fundamentalmente ao Narrador, sua personalidade e percepção de mundo. Já a relativização de perfis e o rompimento de níveis, em especial o último, entraram para o rol de técnicas da literatura francesa – ambos são adaptáveis ao jornalismo literário, especialmente no trato da ciência, que carece de humanização.

O rompimento de níveis teve seu desenvolvimento em autores franceses que precederam Proust, em especial Charles Baudelaire. Em seu livro de poemas *As flores do mal*, Baudelaire empregou exaustivamente a antítese entre de palavras que integram grupos opostos, que Wilhelm Friedrich dividiu em positivos e negativos.

Essa antítese exacerbada passa através de quase toda poesia. Muitas vezes, comprime-se no espaço mais conciso e torna-se dissonância lexical, como ‘grandeza suja’, ‘caído e encantador’, ‘horror sedutor’, ‘negro e luminoso’. Essa aproximação do que normalmente é incompatível chama-se *oxymoron*. É uma antiga figura do discurso poético, apropriada para exprimir estados complexos da alma. Em Baudelaire sobressai por seu emprego desmedido. É a figura-chave de sua dissonância fundamental. (FRIEDRICH, 1991, p.46)

A “antítese exacerbada” é um precursor, mas o verdadeiro rompimento de níveis tem um potencial muito maior. Um dos exemplos apontados por Silva ocorre no segundo volume de *Em busca do tempo perdido*. Em uma cena, o pai do Narrador deseja lhe arrumar uma carreira, almejando que seja a diplomacia. Assim, recebe a visita de um velho embaixador, a quem apresenta papéis de ações da bolsa de valores. O Narrador se impressiona, então, com os documentos – mas não por seu valor pecuniário.

Sua visão lhe encantou: eles eram decorados com flechas de catedrais e com figuras alegóricas como certas publicações antigas que eu folheara outrora.



Tudo o que é de uma mesma época se assemelha; os artistas que ilustram os poemas são os mesmos que as Sociedades financeiras contratam para trabalhar para elas. E nada evoca tão bem certas edições da *Notre-Dame de Paris* e das obras de Gérard de Nerval, tal como elas ficavam expostas na vitrine da venda em Combray do que, em seu enquadramento retangular e florido suportado por divindades fluviais, uma ação nominal da Companhia das Águas. (PROUST apud SILVA, 2003, p.153)

Desse modo, para o crítico “o olhar [do Narrador] se desloca de uma certa abstração para a materialidade das coisas – dos papéis de valor abstrato para os desenhos das catedrais e das figuras alegóricas nos impressos” (p.153). Ao longo de todo o ciclo romanesco há momentos em que o protagonista demonstra preferir pequenos detalhes aos grandes luxos – e seus momentos de análise, comparação ou mesmo (e talvez principalmente) o enfoque com que certas situações são apresentadas, a escolha de palavras, constituem o rompimento de níveis, situação aparentemente antitética (ou uma sobreposição de índices contraditórios) que não traz apenas o estranhamento ou dissonância, mas carrega consigo a possibilidade de uma epifania ou insight, de uma revelação maior. Estruturalmente, o rompimento se dará no nível de índices ou catálises, mas é possível que o efeito se dê pelo contraste a elementos nucleares ou informacionais mais “sóbrios” da narrativa.

Silva (cf. p.157) afirma que um dos impulsos que levaria Proust a escrever *Em busca do tempo perdido* foi se distanciar de uma visão de 'idolatria da arte' que via na obra de escritores como Ruskin e Sainte-Beuve. É possível comparar essa atitude com a idolatria à ciência – e o emprego do rompimento de níveis uma forma de “desregulamentação da expressão e percepção das coisas” (SILVA, 2003, p.159), proporcionando ao receptor uma leitura mais complexa, e ao mesmo tempo mais próxima e humanizada, da práxis científica, das teorias, das aplicações, dos cientistas.

Os dois exemplos a seguir, extraídos de *The Mountains of pi* (As montanhas de pi), de Richard Preston, demonstram o potencial do rompimento de níveis aplicado a ciências. A reportagem tem como tema o supercomputador m zero, criado pelos irmãos matemáticos Gregory e David Chudnovsky para calcular de dois bilhões de dígitos do número π :

Gregory Volfovich Chudnovsky construiu recentemente um supercomputador em seu apartamento, a partir de partes encomendadas pelo correio. Gregory Chudnovsky é um teórico de números. Seu apartamento fica próximo à cobertura de um edifício caindo aos pedaços na parte leste de Manhattan, numa vizinhança perto da Universidade de Columbia. Não muito tempo atrás, um cadáver foi encontrado jogado no final do quarteirão. (Preston, 1992, tradução nossa)



O supercomputador dos irmãos, oriundo de encomendas pelo correio, deixa suas vidas mais cômodas: m zero executa cálculos algébricos humanamente impossíveis, encontrando as raízes de gigantescos sistemas de equações, e construiu imagens coloridas do interior do corpo de Gregory Chudnovsky. (Preston, 1992, tradução nossa)

No caso, a notação busca humanizar o texto por meio de rompimentos de níveis, ao sobrepor índices e informantes cultural ou socialmente distantes, tendo como efeito um estranhamento que, em vez da nulidade, cria uma complementação semântica. É o caso das funcionalidades avançadas (cálculos algébricos) e prosaicas (as imagens do corpo do matemático) de m zero, bem como da descrição da vizinhança, que abriga um supercomputador e fica próxima a uma grande universidade, mas não escapa a uma sociedade violenta.

A segunda invariante que nos desperta interesse neste trabalho é a relativização de perfis, que surge em oposição ao que Silva (2003, p.73) chama *perfis do excesso*: a construção de personagens com base no exagero de uma característica, como se fosse sua única razão de existência – o que constitui uma caricatura (ou um personagem plano, ou uma indexação pobre). O perfil de excesso mais comum no jornalismo científico é o do pesquisador dedicado exclusivamente ao trabalho, sem que suas outras relações e atitudes (que despertem uma imagem positiva ou não) sejam considerados.

O exemplo que Silva utiliza como definidor maior da relativização de perfis é a análise de *Mademoiselle* Vinteuil, filha de um compositor sem fama. Após a morte do pai, ela realiza uma espécie de ritual sádico na presença de Léa, sua parceira, cuspiendo no retrato do *Monsieur* Vinteuil. Contudo, o Narrador identifica semelhanças na fala e comportamento de Mlle. Vinteuil e de seu pai: atos de discrição e auto-negação.

A essas semelhanças percebidas por ele será acrescentada uma análise surpreendente da manifestação bastante particular do sadismo em Mlle. Vinteuil. E é essa análise que importa na definição do que chamo de “relativização de perfis”. Observando a menina, o narrador fala da “delicadeza em seu coração”, que é “escrupuloso e sensível”, da “bondade de sua natureza”, natureza que, segundo ele, permanece “fraca e boa”. Ele fala também de atitudes que ela toma “por discrição”, por uma generosidade instintiva e uma polidez involuntária, a ponto das palavras que ela crê adequadas a seu papel de jovem viciosa soarem falsas em sua boca [...]. De forma que Mlle. Vinteuil, para poder parecer realmente perversa, verdadeiramente sádica e pervertida, como outros sádicos semelhantes a ela, precisa se esforçar para encarnar uma espécie de personagem [...]. Onde poderíamos esperar o traçado de um “perfil de excesso” (Mlle. Vinteuil extremamente sádica, malvada, viciosa, depravada etc), o narrador da *Recherche* expõe um perfil que, é certo, não deixa de ter suas tintas de crueldade, mas, em linhas gerais, é o perfil de uma menina bem-educada, sensível, carinhosa, cheia de pudor, às vezes, envergonhada. (SILVA,



2003, p.95)

A relativização da filha de Vinteuil e sua namorada não se detém aí: mil páginas depois, ambas prestam culto à figura do compositor, organizam seus manuscritos (Léa os decifra) e editam sua obra. O crítico Walter Benjamin (apud Silva, 2003) identifica nesse recurso o poder do olhar do narrador na desestabilização dos sentidos esperados, efeito também desejável na divulgação científica, em que os pré-conceitos em relação à ciência e a pesquisadores afasta leitores e, portanto, põe a ciência num ostracismo cultural. Silva afirma ainda que a relativização de perfis não se limita ao desmascaramento progressivo (por exemplo, a revelação de que a sádica também é carinhosa, envergonhada etc).

O retrato que Proust traça da criada Françoise (cf. SILVA, 2003, p.103) traz um misto de ódio, crueldade, piedade e abnegação. A utilização de imagens e cenas que retratam atitudes aparentemente contraditórias acabam por delinear um personagem impossível de julgar – os índices, aí, estão com a maior carga possível de conotação, mas, paradoxalmente, mais do que confundir, elucidam.

Outro aspecto da relativização de perfis se dá quando o Narrador faz comentários sobre os personagens, tenta explicar as causas de uma determinada ação e lança mão de cinco ou seis hipóteses, todas simultaneamente possíveis (p. 104).

Em jornalismo literário, apesar de possível (por meio da voz autoral), o comentário não é usual com as cargas do explícito e do valorativo que Proust emprega. Há ainda um preconceito quanto à emissão de opinião de forma direta, especialmente por profissionais que não estejam ainda legitimados entre seus pares, que não tenham prestígio reconhecido.

Há uma via alternativa de relativizar perfis, por meio da técnica de biografia sem fim ou fractais biográficos, desenvolvida por Felipe Pena (cf. 2006, p.91-93). O pesquisador propõe a organização de uma biografia (isso também é aplicável a perfis) em capítulos nominais que reflitam as múltiplas identidades do personagem, na forma de diversas mini-narrativas fragmentárias, muitas vezes baseadas em depoimentos de diversas pessoas que conheçam o(s) protagonista(s) em questão.

Cada história traz nas notas de rodapé a referência de sua fonte, mas não há nenhum cruzamento de dados para uma suposta verificação de veracidade, pois isto inviabilizaria o próprio compromisso epistemológico da metodologia. Quando a mesma história é contada de maneiras diferentes por duas fontes, a opção é registrar as duas versões, destacando a autoria de cada uma delas. (p. 91)

Na produção brasileira, é possível citar como exemplo de jornalismo literário de ciências *No reino dos astrônomos cegos*, livro em que Ulisses Capozzoli traça um histórico da radioastronomia. O principal recurso empregado é o rompimento de níveis. Em alguns casos, as expressões são poéticas ou comparativas – por exemplo, o tratamento de quasares, pulsares e magnetars como animais “rugindo” no zoológico da galáxia (a comparação realmente existe no jargão científico) e a afirmação de que William Herschel, compositor e astrônomo, “trocou o som do cravo pela luz distante das estrelas” (2005, p.23). Há também rompimentos de nível utilizados para mensurar o grau de pioneirismo e precariedade dos primeiros momentos da radioastronomia no Brasil, contrapondo a nascente tecnologia para se ouvir o universo aos mais comuns animais. Já se permite aí um princípio de visão crítica da política científica.

No inverno de 1965, quando Penzias e Wilson trabalhavam em Holmdel, um radiotelescópio já havia sido construído no Brasil. Foi montado com tela de galinheiro por astrônomos amadores que se reuniam em torno da Escola Municipal de Astrofísica [...]. O equipamento de trânsito (sem movimento longitudinal) tinha 30 metros de diâmetro e foi inaugurado em 25 de janeiro de 1960, aniversário da cidade. O interesse do grupo era observar o núcleo da Galáxia, como Jansky fizera três décadas antes. Mas um acidente pôs fim ao projeto. Numa noite, tropas de burro que puxavam carrocinhas da prefeitura e pastavam no Ibirapuera destruíram a antena. A sobra da coleta para manutenção do radiotelescópio foi investida na compra de uma enciclopédia, e isso dividiu as opiniões. (p.22)

Capozzoli também cria rompimentos de níveis ao fazer analogias para elucidar conceitos científicos, como o comportamento da luz como onda e partícula.

A verdade é que a luz tem uma natureza dupla e o velho Newton não estava completamente errado. Para tirar partido de uma analogia, pode-se dizer que a luz como partícula é como se fosse um sujeito magro, alto e careca, enquanto a luz como onda é um tipo baixo, gordo e cabeludo. Assim, paradoxalmente a luz é, ao mesmo tempo, como um sujeito magro/gordo, alto/baixo, careca/cabeludo. (p.24)

Um primeiro aspecto de humanização é relacionado a Edwin Powell Hubble, o “astrônomo dos astrônomos” que, além de ser extremamente competente em sua profissão, era um tipo irritadiço e vaidoso. A segunda característica se pronuncia neste rompimento de níveis: “Hubble irradiava o brilho das estrelas de Hollywood. Havia sido capa de revistas e desfilado por todos os jornais importantes do mundo“ (p.43). A figura mítica de Hubble é relativizada e contraposta a Milton Humason, com quem fez parcerias. Os dois descobriram a “fuga das galáxias”, ou seja, constataram que elas



estão se afastando umas das outras em alta velocidade. O processo narrativo empregado por Capozzoli delinea uma combinação de rompimento de níveis com relativização de perfis.

Humason (ou Milt, como era conhecido), de origem pobre, foi capataz numa fazenda de laranjas e tropeiro no transporte de materiais de construção do observatório de Pasadena. Casou-se com a filha de um dos engenheiros da obra. Depois de sua conclusão, foi porteiro do observatório, mas, como os astrônomos pediam a ajuda dele com frequência, aprendeu o ofício e especializou-se em espectrografia, tornando-se “o maior fotógrafo do céu” (cf. p.45).

Ao contrário de Hubble, mais distante e com ar de superioridade, Humason era de uma cordialidade natural. Por quase toda a vida lamentou não ter feito estudos universitários, mas não foi menos feliz por isso. Ele era o diplomata, o negociante que baixava a temperatura na casa que Hubble havia construído [...]. Na casa onde se lia literatura, filosofia e se ouvia música clássica, às vezes as discussões científicas com convidados, estimuladas pelo vinho, ficavam acaloradas. Então, Humason intervinha, diplomático, e em poucos minutos tudo voltava aos eixos. (p.45-46)

A situação que o jornalista descreve traz um rompimento de níveis na medida em que mostra um ex-tropeiro e ex-capataz, de quem se esperaria um comportamento bronco num perfil de excesso, apresenta um temperamento mais racional e conciliador do que o de seus cultísimos colegas (numa situação catalítica, não nuclear).

Já a segunda invariante predomina em *O Mandarin*, de Eustáquio Gomes. Tratando da fundação da Unicamp e de seu primeiro reitor, Zeferino Vaz (médico e homem de ciência, embora concentrado na gestão), toda a obra é um longo perfil relativizado desse protagonista. Não pode ser considerada uma biografia, todavia, porque explora apenas um “aspecto” e momento do personagem – a formação da universidade. *O Mandarin* pode ser considerado um caso singular no jornalismo brasileiro: o autor é o chefe da assessoria de imprensa da Unicamp, em cujo jornal a obra saiu como folhetim, em capítulos, como parte das comemorações dos 40 anos da instituição.

Era de se esperar que o livro fosse elogioso e exaltasse a figura de Zeferino, mas a estrutura do seu perfil é complexa – é impossível julgá-lo: homem nervoso e autoritário, um mandarim ou “Napoleãozinho”, simpatizante do regime da ditadura militar que ao mesmo tempo em que fazia discursos nos aniversários do Golpe de 1964 defendia professores e estudantes tachados de subversivos, inclusive visitando-os na prisão e negociando sua soltura – “Dos meus comunistas cuido eu!” (apud GOMES, 2006, p.74), dizia. Era contrário ao sistema de cátedras e liberal quanto ao ensino. Um visionário,



poderia-se dizer. Ainda assim, chegou a dizer que a computação não tinha futuro. Todavia, pensava a longo prazo, prezando pela qualidade dos que herdariam a instituição, como indicado na afirmativa, carregada de um rompimento de níveis de sua própria autoria: “acontece que não sou dos que plantam couves para comer pessoalmente amanhã. Prefiro plantar perobas que hão de beneficiar as gerações futuras” (VAZ, apud GOMES, 2006, p.19).

A narrativa apresenta um Zeferino que comparava os catedráticos a senhores feudais e gostava de distribuir bombons às secretárias e de comer pipocas, em cenas de preenchimento que executam novos rompimentos de níveis. Uma fusão da técnica à relativização de perfis (expositiva, não acompanhada de uma análise argumentativa) mostra que Zeferino nem sempre se posicionava do mesmo lado dos alunos da Unicamp, quando estudantes se rebelaram porque a prova para cursos de ciências exatas e biológicas seria igual e conseguiram uma liminar que impedia a realização do vestibular:

Depois de quarenta dias sem aulas, Zeferino finalmente conseguiu desinflar essa primeira rebelião discente. A história que correu, não confirmada, era que na véspera do exame, com um helicóptero emprestado, ele pousou ruidosamente nos jardins residenciais de um juiz-desembargador onde se dava um churrasco, e ali mesmo obteve a cassação da liminar. Consta que teria ficado para o churrasco. (p.68)

Este uso de diálogos em *The mountains of pi* revela traços do comportamento dos irmãos (Preston ainda não os chamava de Matemático) Chudnovsky, status de vida (conhecimento de literatura moderna) e mostra um caso flagrante de alteridade, reciprocidade, “meio do caminho” ou “diálogo possível”, quando se invertem os papéis de entrevistador-entrevistado e o repórter personagem-narrador (demonstrando um dos potenciais da observação participante em jornalismo literário):

Gregory disse, “Nosso conhecimento sobre pi estava na casa dos milhões de dígitos—”

“Precisamos de vários bilhões de dígitos”, David disse. “Até mesmo um bilhão de dígitos é uma gota num balde d’água. Você quer uma Coca-Cola?” Ele foi à cozinha e houve um barulho terrível de estilhaço. “Não é nada, quebrei uma garrafa”, ele gritou de lá. “Veja, não há problema.” Ele saiu da cozinha trazendo numa garrafa de Coca-Cola numa bandeja, com um guardanapo de papel sob a garrafa, e quando ele a entregou para mim, avisou-me para segurá-la firme, porque se a coca se derramasse sobre— ele nem queria pensar nisso; faria o projeto retroceder em meses. Ele disse, “Galileu teve que construir seu telescópio—”

“Porque ele não tinha como pagar por um modelo holandês”, disse Gregory.

“E nós tivemos de construir nossa máquina porque não temos—”

“Dinheiro algum”, Gregory disse. “Quando as pessoas nos deixam usar seus

computadores, isso é sempre feito como uma gentileza.” Ele sorriu e apertou o dedo indicador contra o polegar. “Eles dizem, ‘Vocês podem usar, desde que ninguém reclame.’”

Perguntei aos irmãos quando eles planejavam construir seu supercomputador. Eles explodiram em gargalhadas. “Você está sentado dentro dele!”, vociferou David.

“Diga-nos com o quê um supercomputador deveria se parecer”, Gregory said.

Comecei a descrever um Cray aos irmãos.

David virou para seu irmão e disse, “O entrevistador responde à nossas perguntas. Isso é Pirandello! O entrevistador se torna uma pessoa na história”. David se virou para mim e disse, “Você deveria mudar seu modo de pensar. Se eu pudesse um cortador de carne dentro de um Cray, você não saberia que era cortador de carne.”

“A menos que visse carne cortada saindo dele. Aí você suspeitaria que não era um Cray”, Gregory disse, e os irmãos gargalharam. “Dentro de dez anos, um Cray caberá no seu bolso”, disse David. (1992, tradução nossa, grifo nosso)

Em *Capturing the Unicorn* (Capturando o Unicórnio), Richard Preston narra como os Chudnovsky – que se consideram um matemático só, a quem o jornalista chama então de Matemático Chudnovsky – ajudaram o Museu Metropolitano de Nova York a unir de forma tridimensional as fotografias tiradas de uma famosa e antiga tapeçaria *A caçada do unicórnio* (The hunt of the unicorn). Neste rompimento de níveis, Preston traça um movimento do conceitual, virtual, para o material.

No dia seguinte, ele [David Chudnovsky] foi ao museu e pegou com Bridgers duas grandes sacolas de compra azuis do Museu Metropolitano, abarrotadas com mais de duzentos CDs, que continham cada número que o Leica capturou das tapeçarias do Unicórnio. Havia pelo menos cem bilhões de números nas sacolas de compras. (PRESTON, 2005, tradução nossa)

Na reportagem de 1992, há um modo alternativo de relativização de perfis, por meio das falas de outros cientistas, emitindo suas opiniões sobre os Chudnovsky, nem sempre elogiosas. O próprio Preston, porém não faz um uso estratégico da relativização em meio à narração. Na segunda, o recurso não está presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Pena (2006) apontar para que se evite o uso de definidores primários como personagens – e os cientistas são talvez os que melhor se enquadrem nessa categoria –, o tratamento diferenciado de homens da ciência como personagens poderá fazer toda a diferença, dar-lhes vida e, inclusive, questioná-los. Ao mesmo tempo, bom senso é necessário no uso de metáforas, símiles e analogias que possam trazer idéias errôneas sobre pressupostos científicos. Em ciência, a linha que separa a metáfora bem aplicada



da distorção simplificadora, o sutil do grotesco, é tênue ao extremo. A preparação do repórter, junto à consciência das técnicas narrativas aplicadas é o que fará diferença.

As quatro décadas de experiência como repórter de Claudia Dreifus (2002) lhe ensinaram ser essencial observar o cientista em seu ambiente de trabalho ou em suas residências, onde sentem-se à vontade, bem como descrever esses lugares e o comportamento de seus residentes. D. T. Max (2007), por sua vez, soube demonstrar que o triunfo das descobertas nem sempre está ao lado dos pesquisadores renomados, cabendo a novatos tomar parte nos rumos de investigações científicas – caso da identificação de príons de uma doença degenerativa rara, em pesquisa conduzida por jovens membros de uma família italiana atingida por ela.

A abordagem em profundidade da ciência requer um trabalho de preenchimento, de catálises e índices – assim, é natural ao jornalismo literário. Procedimentos detalhados de pesquisa, dados parciais, controvérsias e informações relativizadas são estranhos à natureza do jornalismo informativo clássico, que se mostra desajeitado nesse lide com eles, clamando por respostas prontas e definitivas sobre temas em que não há consenso ou resultados conclusivos – embora seja eficaz para noticiar de forma breve descobertas, processos e patentes.

Com a proliferação de reportagens de ciência em publicações de menor segmentação como *piuí*, pode ser apenas uma questão de tempo até os *features* se imbricarem na cobertura especializada.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa – pesquisas semiológicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

CAPOZZOLI, Ulisses. **No reino dos astrônomos cegos – uma história da radioastronomia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CONCEITOS. **Textovivo**. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/conceitos.htm>>
Acesso em: 14 dez. 2006.

DREIFUS, Claudia. Scientific conversations. **Nieman Reports**, v. 56, n. 3, Outono.2002. p. 27-28.

FALASCHI, Celso Luiz. **Identificação de Narrativas e Características Criativas no Jornalismo Impresso Diário Brasileiro**. 2005. 440 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

FRIEDICH, Hugo. Baudelaire. In: _____. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de



- Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1991. p. 35-58.
- GAWANDE, Atul (org.). **The best american science writing 2006**. New York: Harper Perennial, 2006.
- GOMES, Eustáquio. **O mandarim – história da infância da Unicamp**. Campinas: Unicamp, 2006.
- LEBRECHT, Norman. **O mito do maestro: grandes regentes em busca de poder**. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MAX, D. T. Dormir, nunca mais. **piauí**, p.24-28 mar. 2007.
- MORETTI, Franco. Il secolo serio. In: _____ (org). **Il romanzo I – La cultura del romanzo**. Torino: Einaudi, 2001, p.689-725.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. ed. rev. São Paulo: Manole, 2004.
- PRESTON, Richard. Capturing the unicorn. **New Yorker**, Nova York, p.28-33, 11 abr. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/fact/content/articles/050411fa_fact> Acesso em: 2 nov. 2006.
- _____. The mountains of pi. **New Yorker**, Nova York, p.36-67, 2 mar. 1992. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/content/articles/050411fr_archive01?050411_fr_archive01> Acesso em: 2 nov. 2006.
- SABBATINI, Marcelo. O astronauta brasileiro e o “Retorno das Estrelas”: mito e política científica na análise de conteúdo da cobertura da missão Centenário da Agência Espacial Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006
- SAVIANI REY, Luiz Roberto. Jornal Impresso e Pós-Modernidade: Projeto Ruth Clark e a espetacularização da notícia. **Revista de estudos de Jornalismo**, Campinas, v.3/4, n. 2, p.31-40, jul. 2000 – jun. 2001.
- SILVA, Guilherme Ignácio da. **Marcel Proust escreve *Em Busca do Tempo Perdido* – ou da arte de erguer catedrais de sorvete**. 2003. 202 f. Tese (Doutorado em Letras – Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.
- SIMS, Norman (org.); KRAMER, Mark (org.). **Literary Journalism – a new collection of the best american nonfiction**. New York: Ballantine, 1995.
- VOGT, Carlos (org.). **Cultura científica – desafios**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006.
- TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. 2. ed. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.